

Entrevista

Emma Donoghue
Escritora

'Há claustrofobia na relação entre mãe e filho'

Rita Silva Freire

FOI há pouco mais de três anos, na Primavera de 2008, que o mundo ficou chocado com a história de Josef Fritzl. O austríaco aprisionou a filha numa cave e violou-a, repetidamente, durante 24 anos, engravidando-a sete vezes. Dificilmente alguém poderá ter ficado indiferente ao caso. Como não o ficou a escritora irlandesa Emma Donoghue que, horrorizada, teve uma ideia para o seu próximo romance.

O Quarto de Jack parte da história de uma mulher, presa num barracão, por um homem que, quase todas as noites, a viola. Acaba por engravidar e nasce Jack. Tudo nos vai ser narrado pela própria criança, a partir do dia em que comemora cinco anos: o seu encarceramento e o que acontece quando vai, finalmente, conhecer o mundo. Esta história sobre a maternidade, que comoveu crítica e leitores, tendo sido finalista do Man Booker Prize 2011 e do Orange Prize 2011, chega agora às livrarias portuguesas, com o selo da Porto Editora.

'O Quarto de Jack' narra a história de uma criança enclausurada numa divisãocom a sua mãe. Como surgiu a ideia?

Surgiu depois de ler sobre o caso Fritzl. Tenho dois filhos pequenos que, na altura, tinham um e quatro anos. Como mãe impressionou-me a ideia de uma criança que emerge num mundo que nunca viu antes.

Mas o caso Fritzl serviu apenas como inspiração, certo?

Sim. E inspiração não é a mesma coisa que tema. Este não é um livro sobre um caso real. Não só me sentiria mal por roubar uma história des-

tas a alguém, como achei que poderia fazer um melhor romance se fosse ficção pura. Não quis fazer um relato de um crime. Quis criar uma espécie de contos de fadas.

Embora o possa parecer à primeira vista, esta não é uma história de horror?

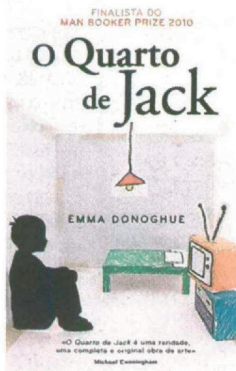
Não. Percebo que os leitores fiquem nervosos ao pegar no livro, especialmente por não ser um policial. Estamos habituados a histórias horribles em policiais, mas não em romances literários. Este livro não é aquilo que parece.

O que é então?

É um romance sobre a maternidade e sobre a infância, uma história sobre ser criança e sobre ser pai. E sobre a relação entre mãe e filho. Todos nós fomos crianças e muitos de nós somos pais. Apesar de as circunstâncias do romance serem muito específicas, e quase não existirem casos como este no mundo, tentei capturar a dinâmica universal do quotidiano entre uma mãe e um filho. Os momentos de ternura e os de irritação. Tentei fazê-los personagens universais, não *freaks*.

Era sobre essa universalidade que queria escrever ou simplesmente surgiu?

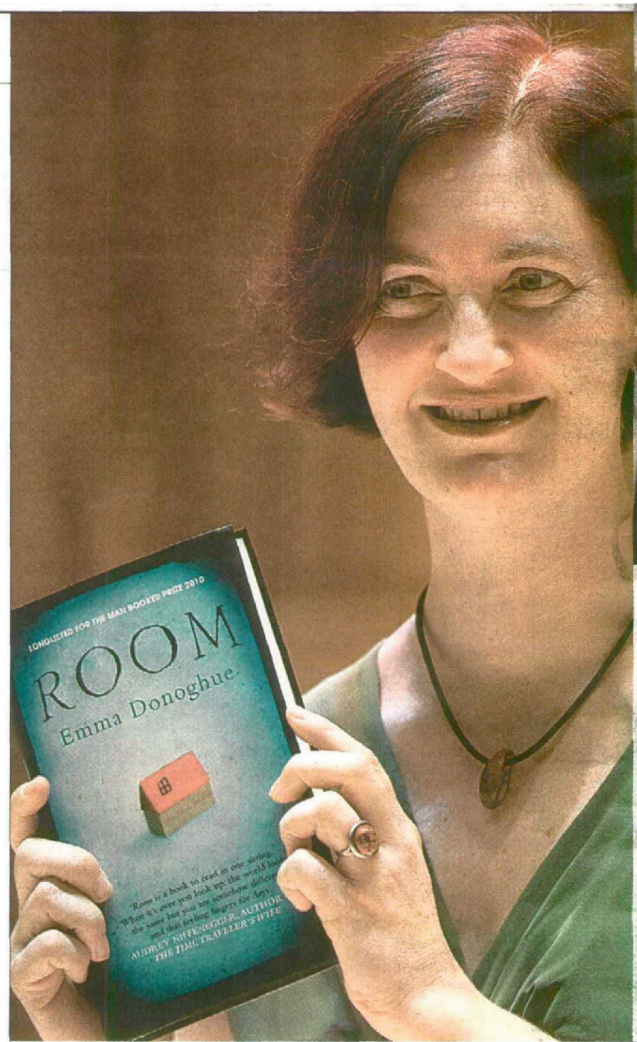
Interessou-me a história de Jack por ser uma parábola sobre como todos nascemos e entramos no mundo. E penso que captura a claustrofobia que existe na relação entre mãe e filho. Embora essa relação seja mágica e maravilhosa, pode parecer um cativeiro, por ser



“

Impressionou-me a ideia de uma criança que emerge num mundo que nunca viu

Não quis ser superior e tecer comentários sobre o mundo ocidental



tão intensa. Quando ouvi a história dos Fritzl pensei que, de qualquer forma, a infância é mesmo assim: gradualmente entra-se num mundo cada vez maior. Neste caso acontece de um dia para o outro.

O livro é narrado por Jack. Porque quis que fosse ele a contar a história?

Nunca pensei que pudesse ser qualquer outra personagem a fazê-lo. E não é apenas um artifício narrativo. Se fosse a sua mãe a contá-la seria um livro completamente diferente. Há muitas histórias de mulheres em sofrimento, de psicopatas que capturam mulheres e crianças e as cortam aos bocados. Não queria escrever nada disso.

Como foi entrar na mente de uma criança de cinco anos?

Não foi difícil, porque o meu filho tinha essa idade na altura em que escrevi o romance. Pedi-lhe muitas coisas emprestadas, embora ele seja muito mais extrovertido e relaxado que Jack.

Tudo é contado sob a perspectiva de Jack: as violações da

mãe, o encarceramento, o mundo que descobre fora do quarto...

O que nos permite olhar por cima do ombro de Jack com horror. O leitor tanto assume a posição da mãe, como a de Jack. Para uma criança, mau ou bom, o que o rodeia é aquilo que conhece. E o nosso mundo, apesar de olharmos para ele como sendo ótimo, tem muitas coisas de que Jack não gosta e o faz querer voltar para o seu quarto. Ao escrever, fui muito influenciada por um site onde pais adotivos partilham as suas experiências. Aí, uma mulher conta como levou para casa uma criança vinda de uma família extremamente violenta. Mas a criança estava aterrorizada por estar nesta nova casa, apesar de ser um lugar feliz. A mulher era o monstro assustador porque representava o desconhecido.

Jack olha para tudo e comenta tudo. Foi uma maneira que encontrou de tecer reflexões sobre os media e a sociedade? Tudo surgiu por instinto.

O Quarto de Jack, de Emma Donogue, foi finalista do Booker e do Orange Prize, tendo sido um sucesso de crítica e de público. Agora chegou a Portugal

The Man Booker Prize 2010

Achei que ele teria muito a dizer. Mas eu não sabia o que seria. Fiquei surpreendida com a sátira aos media. E fiquei surpreendida com o facto de ele desaprovar pais como eu, que se sentam num café à conversa com os amigos, sem prestar muita atenção aos filhos. Não quis armar-me em superior e tecer comentários sobre o mundo ocidental. Foi Jack que, como personagem, tinha mesmo muita coisa para criticar.

A relação entre mãe e filho é muito forte...

Interessou-me a grande intimidade e o contacto físico entre os dois. Ela é capturada por Nick, mas também é refém de Jack. Não lhe pode escapar. Achei interessante olhar para a relação de uma forma extrema.

Aos cinco anos, Jack ainda é amamentado, o que pode causar alguma estranheza. Como surgiu esta ideia?

Pareceu-me ser uma das coisas que a mãe faria. Ele tem cinco anos, mas é como se fosse apenas um bebé. Não

vai à escola, está completamente dependente. E, como a amamentação é boa para a saúde, ao mesmo tempo que conforta e ajuda a dormir, não havia motivo para parar. Só quando saíssem para o mundo lá fora. Agora, esta imagem pode ser um choque na América, onde há tanta preocupação com os seios. Ninguém faz *topless*, houve o 'escândalo' Janet Jackson...

Neste caso, mãe e filho ficam fechados durante cinco anos, até Jack estar preparado para enfrentar o mundo sozinho. É uma metáfora para o tempo em que mãe e filho ficam em casa, até a criança ir para a escola?

E para alguns homens, que hoje em dia também ficam em casa seis meses com o bebé. Este período é uma experiência enriquecedora e recompensante. Mas também é um momento em que é fácil sentirmo-nos isolados, não se consegue ter um momento para nós próprios. Muitos pais podem relacionar-se com o que a mãe sente no livro.

Não é fácil assumir que um pe-

ríodo de licença de maternidade pode ser sentido como um cativo.

Pode ler-se o livro de muitas formas. Há quem ache que estou a dizer às mães que têm que ficar em casa com os seus filhos, porque só assim se pode criar intimidade. Não digo que se deve fazer o que ela faz, ou que não se deve fazer o que ela faz. Não há soluções.

É quando eles saem do quarto que o os problemas começam.

Quis que escapassem a meio do livro. Sei que surpreenderá os que imaginam o livro como um policial, com uma fuga excitante no fim. Mas esse seria um livro muito superficial, que teria como único problema uma porta trancada. Estava mais interessada nos problemas subtis entre qualquer pai e filho. E achei que haveria muito mais a dizer sobre a nossa sociedade depois de eles escaparem. Este é um romance de iniciação, não apenas uma história sobre uma criança inocente.